

DISONANTES



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO MESQUITA DE FILHO”
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

DISONANTES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Bacharelado em Design Gráfico - 2019

NATÁLIA FERNANDA SCHIAVON

Orientação: Prof.^a Dr.^a Cassia Letícia Carrara Domiciano

RESUMO

“Dissonantes” é uma grande reportagem multimídia que traça um panorama das formas de financiamento de coletivos, artistas e bandas independentes femininas no estado de São Paulo. Entre os pontos abordados estão os desafios enfrentados por quem decide seguir a carreira musical, como o fator gênero interfere nas oportunidades de empregos bem remunerados disponíveis no mercado, quais são as alternativas encontradas por mulheres para desenvolver os seus projetos e de onde vem a verba para financiá-los. Além do texto escrito, a reportagem conta com uma identidade visual própria, ilustrações, infográficos, colagens, relatos em áudio e vídeo, e experimentações em responsividade e interatividade. Foi realizado um estudo sobre ciberjornalismo, multimídia e webdesign. Acima de tudo, a reportagem busca justificar a importância da produção independente de arte como ferramenta de resistência para grupos sociais menos privilegiados.

Palavras-chave: design gráfico; jornalismo multimídia; hipermídia; mulheres na música; artistas independentes; representatividade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Cassia pela constante paciência, carinho e atenção em suas orientações durante todo o longo processo de elaboração deste trabalho.

À Babi e Bia, por terem acreditado em mim e no meu trabalho. Agradeço também à todas as entrevistadas da reportagem, e o quão incrível foi ver a pluralidade de formas que uma mulher pode lutar.

A todos os meus amigos e amigas que tornaram esses cinco anos tão especiais, aqueles que conheço desde o primeiro dia de aula e aqueles que apareceram há pouco tempo, cada um à sua maneira mudou alguma coisa em mim. Obrigada pelos rolês, afetos e trocas, vocês foram a melhor parte da graduação.

Ao Inky Design, uma experiência que me enriqueceu como profissional e como pessoa, obrigada pelos cafés, pelos desabafos e pelo infinito repertório de piadas internas. Sou muito grata por ter ficado mais um pouquinho por aqui e ter conhecido todos vocês.

Às minhas avós, Luiza e Maria Helena, que ao longo de todo este trabalho estiveram presentes em meu pensamento. A resiliência e o amor de vocês sempre será meu maior exemplo e meu maior combustível.

E aos meus pais, pelo apoio incondicional em me ajudar a seguir o que eu amo. Sou infinitamente grata.

SUMÁRIO

Introdução 6

Proposta / Objetivos 7

1. FUNDAMENTAÇÃO 8

1.1 A artista independente 9

1.2 A grande reportagem multimídia 12

2. REFERÊNCIAS 15

2.1 Referências multimídia 16

2.2 Referências gráficas 19

2.3 Referências de ilustração 24

3. PROCESSOS 27

3.1 Início 28

3.2 Estruturação 30

4. PROJETO GRÁFICO 33

4.1 Título 34

4.2 Cores 37

4.3 Tipografia 38

4.4 Identidade e grafismos 39

4.5 Ilustrações 43

4.6 Infográficos 50

4.7 Colagem 55

4.8 Vídeos 56

5. FINALIZAÇÃO 57

5.1 Programação 58

5.2 Site 59

6. CONCLUSÃO 62

Considerações Finais 63

Bibliografia 64

INTRODUÇÃO

A ideia inicial deste trabalho de conclusão surgiu de uma maneira imprevisível.

Ao mesmo tempo, parece que foi tudo premeditado, quando levo em consideração todas as decisões e consequências que me trouxeram até aqui.

Eu ingressei no curso de Design primariamente buscando me aprimorar como ilustradora, mas no meio do caminho descobri o potencial das publicações gráficas, dos fanzines e das histórias em quadrinho. Durante as aulas, tive contato com experimentações manuais de impressão, autopublicação e mercado editorial, que despertaram minha curiosidade em explorar a imagem atrelada à palavra, e as maneiras de se contar uma história através de um projeto gráfico.

No meu quarto ano de faculdade, tive uma oportunidade inesperada de trabalhar como **trainee** em um jornal de grande circulação em São Paulo. Entrei em contato com um ambiente caótico e uma área completamente desconhecida para mim, mas um aspecto me era familiar: as histórias. Me vi interessada pelas narrativas possíveis através do jornalismo e a importância da difusão de

histórias como uma ferramenta social, seja através de uma reportagem, da diagramação de notícias na primeira página, ou de um vídeo-documentário. Procurei guardar todo o aprendizado dessa breve experiência. Eu não sabia, mas iria precisar disso depois.

Quando conheci a Bárbara e a Beatriz, eu já estava pensando no que seria meu trabalho final há quase um ano, mas por motivos de autossabotagem e uma certa dificuldade em aceitar finais de ciclos, não conseguia chegar em uma ideia que me satisfizesse. Nós nos aproximamos nos eventos do Garotas Uivantes, e foi ao som de bandas formadas por mulheres como nós e inúmeras conversas na pista de **skate** que nossa parceria inesperada e espontânea se formou.

Dissonantes surge dessa troca de ideias e vivências. Do desejo de contar histórias de mulheres que escolheram viver da arte, da importância de registrar a resistência que essa escolha representa em momentos tão conturbados, da integração de conhecimentos entre cursos diferentes mas que constantemente conversam entre si, e de uma amizade que me ajudou a lembrar quem eu sou, e como é importante a presença e empatia feminina em minha vida.

Ilustração feita em 2018 para evento do Garotas Uivantes, coletivo de Bauru (SP) que realiza festas e shows com o intuito de incentivar todo tipo de arte produzida por mulheres.



PROPOSTA / OBJETIVOS

A proposta deste trabalho consiste na elaboração de uma **grande reportagem multimídia sobre o panorama das formas de financiamento de coletivos, bandas e artistas femininas independentes no estado de São Paulo**, aplicando conhecimentos de design gráfico, ilustração, design de informação, webdesign e ciberjornalismo.

Através do acompanhamento das entrevistas, shows e eventos que serviram de base para a matéria, comecei a compilar um repertório visual que dialogasse da melhor forma com nosso tema principal. Conforme as pautas e infográficos eram pensados, trabalhei a criação de um conteúdo multimídia que enriquecesse ainda mais a reportagem. Por fim, procurei relacionar todas essas peças gráficas e os textos entre si criando uma identidade visual que trouxesse coerência e personalidade para o site.

Ao longo de todo o processo, buscamos abranger a maior diversidade possível de mulheres inseridas na cena independente, não se limitando apenas a um gênero musical ou um nicho específico. Ainda assim, é importante ressaltar que esse panorama traçado por nós representa apenas uma parcela de uma vastidão de iniciativas que se multiplicam a cada dia.

Um dos meus objetivos pessoais com este trabalho era exercitar minha capacidade de trabalhar em grupo, expor e defender minhas ideias, e estar aberta ao diálogo, às críticas e sugestões, que possibilitam construir um trabalho horizontal e conjunto da melhor maneira possível. Espero também, além de colocar em prática os aprendizados adquiridos dentro e fora da graduação, **contribuir para a criação de uma narrativa que incentive o trabalho de mulheres artistas e sua autonomia.**

1. Fundamentação

1.1 A artista independente

A música como forma de expressão possui um papel importante na manutenção da sociedade, pois atua como um transmissor de ideias e uma ferramenta na criação de subjetividades. É através dela, assim como outras mídias, que se estabelecem valores morais e sociais que constituem nossa cultura.

O termo independente ou *indie*, refere-se a um artista, banda ou gravadora que não está vinculada a um grande grupo multinacional de música e detém total controle sobre a criação, produção e divulgação de seu trabalho. Ao falar de música independente no cenário atual, é necessário traçar um panorama sobre as recentes transformações no mercado fonográfico, especialmente no meio digital, que causaram grande impacto nos meios de produção e consumo.

Até o fim da década de 90, a principal fonte de renda da indústria musical era a venda física de vinis, fitas cassete e CDs. O surgimento da internet trouxe a desmaterialização desses produtos, que passam a existir em formato digital, disponíveis para downloads por vias legais ou ilegais

e, mais recentemente, nas plataformas de streaming. Se anteriormente artistas dependiam de um contrato com uma gravadora para terem a oportunidade de ver sua criação tomar uma forma física, agora isso se torna desnecessário: formas de gravação caseiras ou em pequenos estúdios, assim como sua distribuição autônoma se mostram muito mais acessíveis.

O advento da tecnologia, porém, como de costume, traz novas vantagens e desvantagens. Apesar da maior liberdade criativa, o artista independente, além de criador, precisa se desdobrar como produtor, assessor, publicitário, dentre outras funções. É preciso encontrar maneiras engenhosas de compensar a diminuição das vendas físicas, e ter retorno financeiro suficiente para que o projeto não acabe em prejuízo.

Quando se fala em ser mulher na música independente, mais dificuldades surgem. A indústria cultural está invariavelmente inserida no sistema patriarcal-racista-capitalista (CISNE, 2014), atuando na manutenção de uma ideologia que funcione a seu favor. A figura do homem branco cisgênero e hete-

rossexual é essencializada como central e qualquer figura divergente desse padrão é subjugada ao lugar do “outro”, sob uma falsa justificativa biológica e naturalista.

Nesse contexto, uma mulher que tenta se inserir na indústria musical está sujeita a enfrentar uma série de adversidades: diferença salarial, dupla ou tripla jornada de trabalho, falta de representatividade em cargos de liderança ou áreas mais técnicas da música, assédios de cunho moral e/ou sexual, estereotipação, e o preconceito generalizado. E quando essa condição é interseccionada com questões de raça, sexualidade, transgeneridade ou classe, os problemas se agravam.

Uma mobilização contra tal situação alienante na cultura e na cena musical independente se faz necessária. Mulheres se unem por uma resignificação da linguagem e da imagética opressora presente nos mais diversos gêneros musicais, criando uma simbologia própria que as represente melhor. Trata-se de um processo de singularização:

O que vai caracterizar um processo de singularização [...] é que ele seja automodelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. (GUATTARI e SUELY, 1996, p. 46)

Um exemplo clássico dessa mobilização de mulheres na cena independente é o Riot Grrrl, movimento feminista que surgiu na década de 90 como uma resposta à misoginia do movimento punk, com letras carregadas de contestações políticas e filosofia que prezava pela autonomia e coletividade entre meninas.

No Brasil, é necessário citar a influência das movimentações feministas pós-2010, por vezes classificadas como parte da quarta onda feminista (PEREZ e RICOLDI, 2018). Elas são caracterizadas pela forte atuação através da internet; maior intersecção com vertentes de outros movimentos sociais; e mais informalidade em suas mobilizações, no sentido de não depender de aparatos do Estado ou órgãos institucionais para levar suas pautas adiante, mas sim criar uma manifestação coletiva e autônoma em um contexto do cotidiano.

Essas características também estão presentes nos eventos organizados pela cena das mulheres na música independente no Brasil, sejam em festas que também contam com debates sobre temas políticos ou shows com exposições de artes e fanzines informativos. Esses “rolês” também são parte de um processo de singularização de mulheres que, insatisfeitas com a falta de representatividade nos estúdios, festivais e casas de show, criaram seus próprios espaços e seu próprio público que possibilitam que continuem se mantendo na cena musical independente.



Marcha “Ni una menos”, que aconteceu por toda a América Latina em 2016, mobilizada através de redes sociais. Fonte: Agência Plano

Rodas de conversa realizadas em evento do Dyke Fest (SP), festival **queercore** feminista que mistura música e ativismo político.
Fonte: Facebook/Divulgação



Ao delinear todas as nuances que permeiam nosso tema - as mudanças na indústria fonográfica, os percalços do artista independente, a questão do machismo e os novos modos de organização feministas - que encontramos o ponto de partida da reportagem: buscar entender como é o funcionamento desse universo dentro da música criado por e para mulheres, e quais são os problemas enfrentados para que ele continue existindo.¹

Reforçar a existência de produções culturais feitas por mulheres faz parte de um processo de afirmação do ser mulher enquanto um ser capaz de produzir e não apenas de reproduzir, contrariando, desta maneira, as expectativas do sistema patriarcal-racista-capitalista. (MIRANDA, 2014, p.195)

1. Para uma fundamentação teórica mais detalhada a respeito do tema da reportagem e sua produção, ler o relatório das alunas de jornalismo Bárbara Alcântara e Beatriz Fanton.

1.2 A grande reportagem multimídia

A definição de multimídia pode assumir diversas formas, visto que este é um recurso que não se atém apenas ao jornalismo ou ao design, mas à uma variedade de outras áreas. Ramón Salaverría (2014) elenca três tipos de multimídia: como multiplataforma (também chamado de **crossmedia**, quando meios diferentes combinam suas estratégias editoriais e/ou comerciais), como polivalência (geralmente utilizado para descrever um profissional multidisciplinar), e como combinação de linguagens.

Esta última definição é a que nos interessa em relação à nossa proposta. Ela designa aquilo que “utiliza conjunta e simultaneamente diversos meios, como imagens, sons e texto, na transmissão de uma informação” (SALAVERRÍA, 2014, p. 29).

A partir disso, é possível concluir que a multimídia não é algo recente - na verdade, ela é intrínseca ao ser humano. Por natureza, apreendemos o mundo e construímos nossa realidade a partir dos nossos cinco sentidos corporais.

Utilizamos de sons e desenhos para transmitir informações desde o período Neolítico.

Historicamente, os meios multimídia também existem há pelo menos dois séculos. Com a invenção da técnica de fotogravura em 1820, os diários e gazetas informativos puderam, pela primeira vez, incorporar imagens ao texto impresso, convertendo-se em um meio bimídia. As primeiras histórias em quadrinhos ocidentais também remontam dessa época, então chamadas de “literatura em gravuras”. Em 1895, surge o cinema: inicialmente uma mídia monomídia contando apenas com imagens em movimento, mas que evolui rapidamente a partir da década de 20 e passa a utilizar música e recursos sonoros. Em 1930 surge a televisão, um meio que combinou linguagens distintas desde sua origem, admitindo imagens estáticas e em movimento, texto, efeitos sonoros, palavras faladas e música.

A partir de 1990 passamos a assistir o desenvolvimento da internet, que possui uma vantagem sobre os meios analógicos anteriores: o hipertexto, um recurso versátil que integra elementos textuais, gráficos e audiovisuais. Inaugura-se então a modalidade hipermídia: a fusão de várias mídias em um ambiente computacional, que podem ser lidas de uma forma não-linear, através dos links.

Atualmente, é imprescindível falar de nossa relação com os meios de comunicação sem citar o conceito de cultura da convergência, fenômeno cunhado pelo professor e pesquisador Henry Jenkins:

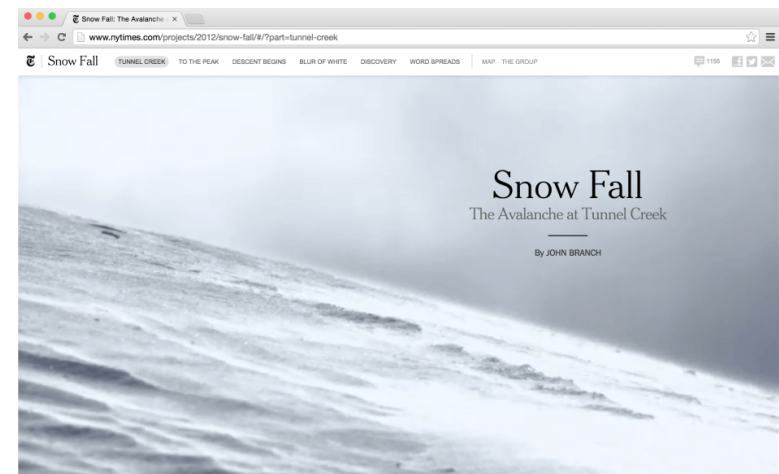
Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p.29)

A descentralização dos meios de comunicação, assim como o aumento significativo na democratização do acesso à esses meios, fomenta uma cultura participativa. A separação entre produtores e consumidores de mídia está deixando de existir, falando-se agora em espectadores que interagem ativamente e são incentivados a produzir seu próprio conteúdo.

A linha que separa cada mídia também tende a ficar mais tênue. Um único meio físico pode realizar uma variedade de serviços que anteriormente existiam apenas separados - isso é visível por exemplo nas múltiplas propriedades de um smartphone. Da mesma forma, um serviço que antes era exclusivo à uma mídia pode agora assumir uma variedade de formas físicas, como é o caso da imprensa, que hoje explora uma diversidade formatos em busca de inovação para seus leitores.

Tela de abertura da reportagem Snow Fall no site do The New York Times.

Um exemplo pioneiro disso, no caso do jornalismo multimídia, é a reportagem [Snow Fall](#), do The New York Times, publicada em 2012. Trata-se da história de uma avalanche contada sob diferentes perspectivas de esquiadores que estavam presentes, utilizando recursos de gráficos interativos, vídeos e simulações. A matéria foi feita em torno de seis meses, e recebeu cerca 2,9 milhões de visualizações na primeira semana, chegando a ter 22 mil acessos simultâneos.



É nesse período também que a versão 5 da linguagem de programação HTML é disponibilizada, permitindo uma maior sofisticação em webdesign. A partir daí começam a surgir as narrativas mais longas e verticais, com uma atenção especial à forma de navegação e sua influência na leitura da história. Esse gênero é comumente chamado de jornalismo long form ou “reportagem paralaxe” (CANAVILHAS, 2014), em referência ao recurso de design **parallax scrolling**, que é o movimento de elementos da tela enquanto o usuário interage com a barra de rolagem. No Brasil, alguns dos principais veículos que publicam esse tipo de reportagem são Folha de S. Paulo, Estadão, O Globo e TAB UOL.

O PAPEL DO DESIGNER

Esta nova abordagem jornalística e editorial representa também uma mudança no âmbito do design gráfico. O webjornalismo não é mais uma mera transposição do meio impresso para o digital, e deixa de se basear apenas em uma estrutura noticiosa focada em hard news (notícias importantes e imediatas), pautada exclusivamente

na lógica da informação. Deve-se pensar em um jornalismo aberto à inovações semânticas, capaz não apenas de informar como também contextualizar de maneira criativa e cativante (BACCIN, 2017).

Se anteriormente o designer estava atrelado ao jornalismo apenas no final do processo, na etapa de paginação, diagramação e “fechamento” de matérias, agora este passa a participar efetivamente ao lado de editores e jornalistas. Seu trabalho é fundamental ao pensar não apenas no projeto gráfico, como em questões de interatividade, design de informação, hipertextualidade e atualização contínua.

A relação inicial de imagem e texto, portanto, é redefinida de múltiplas maneiras, integrando um conjunto hipertextual de formas, conteúdos e sintaxes, que compõem uma linguagem própria. Ao passo que esta difere das demais modalidades comunicativas anteriores - como a TV, o rádio, a fotografia, o meio impresso, os games e a infografia - também atua reunindo e reconfigurando tais modalidades.

2. Referências

2.1 Referências multimídia

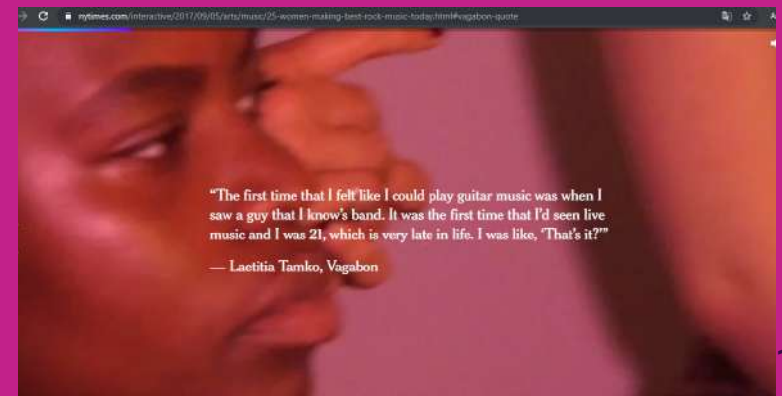
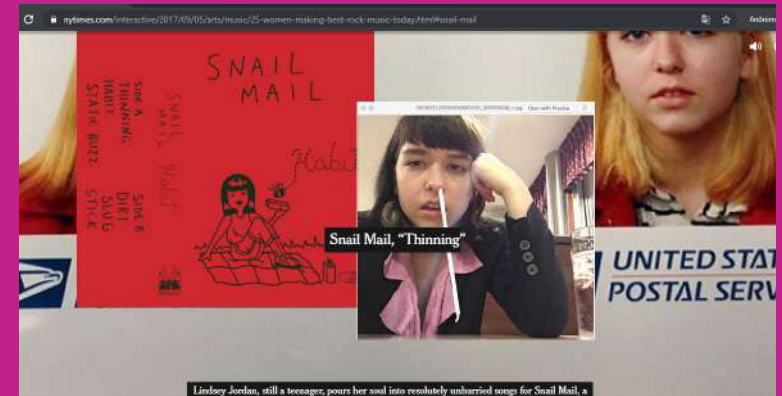
A pesquisa por referências de reportagens interativas multimídia que tivessem uma proposta parecida com a que procurávamos foi essencial. Descobri uma variedade de sites, alguns pertencentes a jornais tradicionais de grande circulação, e outros menores e com uma proposta mais informal, que buscam através de experimentações multimidiáticas novas formas de atrair seus leitores.

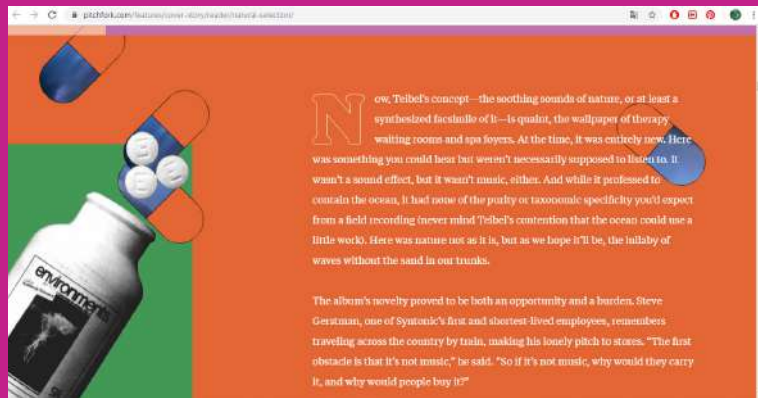
The New York Times

O clássico jornal diário estadunidense fundado em 1851 possui atualmente em seu site uma seção com uma diversidade de matérias multimídia interativas. Uma reportagem em especial que nos serviu de inspiração desde o início se chama [Women Are Making The Best Rock Music Today: Listen Now](#).

A reportagem utiliza recursos de vídeos, músicas e colagens animadas intercalados com depoimentos e trechos de entrevistas com artistas relatando suas experiências na música. A interatividade, que acontece conforme você clica nas setas laterais para continuar vendo o conteúdo, ajuda a criar uma sensação de que você está ali na sala junto com as meninas, enquanto conversam e tocam seus instrumentos.

Capturas de tela da reportagem Women Are Making The Best Rock Music Today.

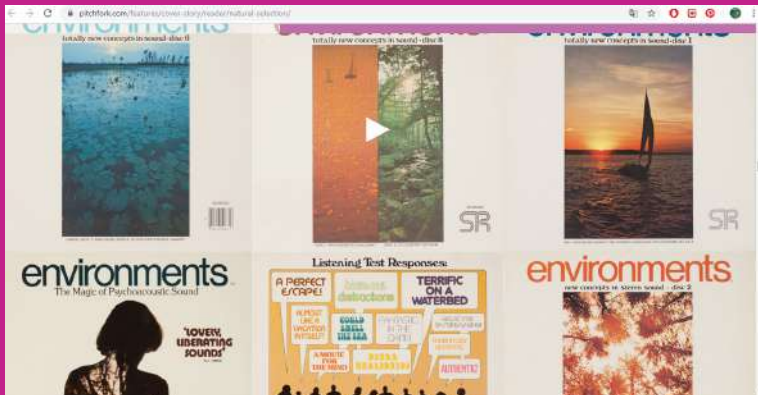




Pitchfork: Cover Story

A Pitchfork, site especializado em jornalismo musical, possui uma seção chamada Cover Story, dedicada à matérias mais aprofundadas e com um design diferenciado do resto do site. A inspiração vem da estética de revistas impressas para trazer uma tangibilidade ao site, combinada com interações que tornam a leitura mais divertida.

A reportagem [Natural Selection](#) é particularmente criativa, utilizando animações que interagem com a rolagem do mouse, sons que ajudam na imersão do leitor e uma paleta de cores chamativas.

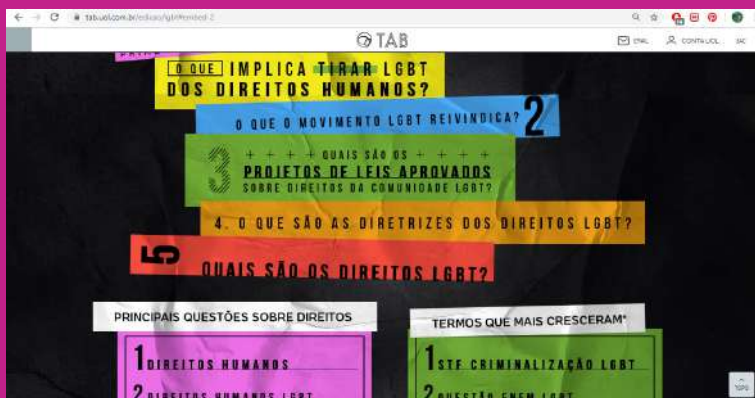


Capturas de tela da reportagem Natural Selection.

TAB UOL

O TAB foi nossa maior referência de jornalismo multimídia nacional. No site, é publicado semanalmente uma matéria especial que pode conter vídeos, gifs, ilustrações e infográficos, com uma identidade visual própria, que complementam o texto escrito. Algumas das reportagens que mais nos inspiraram foram [Ninguém solta a mão](#), sobre a conquista dos direitos LGBTQIA+, que conta com uma extensa linha do tempo interativa sobre a história do movimento; e [Luto Invisível](#), composta inteiramente de ilustrações animadas que retratam a delicadeza do tema.

Capturas de tela das reportagens Luto Invisível e Ninguém solta a mão.

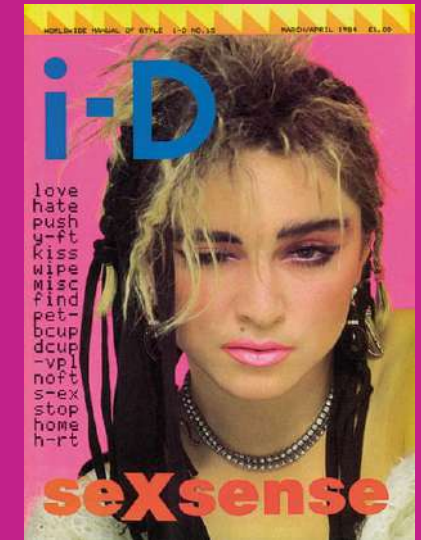


2.2 Referências gráficas

Revista i-D

A primeira ideia que me veio à mente ao pensar em música independente e resistência foi a estética do punk dos anos 80, considerada uma resposta aos métodos convencionais e polidos do design profissional. A partir daí, busquei mais referências que abraçassem intervenções manuais, experimentações e erros.

Um trabalho que achei muito interessante foi o de **Terry Jones**, ex-diretor de arte da Vogue britânica que, em 1980, criou a i-D, uma revista sobre cultura pop e moda de rua. Jones teve inspiração na filosofia emergente do faça-você-mesmo e na estética imediata e transgressora do punk. De início, o processo editorial da revista era muito similar ao de um fanzine, feita inteiramente à mão com colagens e depois fotocopiada. Tratava-se de um trabalho rápido (*instant design*, como ele cunhou) que conseguisse acompanhar as mudanças constantes das várias subculturas que surgiam e desapareciam, utilizando técnicas gráficas como desenhos feitos à mão, estênceis e carimbos de borracha, máquinas de escrever manuais e caracteres distorcidos de computador.



Capas e páginas internas de edições da i-D da década de 80. Fonte: i-D/Brand New Retro



Riot Grrrl

Outro movimento esteticamente transgressor e, dessa vez, exclusivamente feminino e feminista que seria impossível não citar aqui é o **Riot Grrrl**. Originário dos Estados Unidos na década de 90, o Riot Grrrl foi uma resposta à misoginia e dominação masculina na cena punk, e através de organizações de coletivos, shows e publicações independentes buscaram incentivar a expressão e autonomia feminina na arte.

Os **fanzines** - caracterizados por serem veículos livres de censura, baixa tiragem e orçamento, e total liberdade de criação - foram uma ferramenta importante na estruturação do movimento. As garotas apropriaram-se dessa mídia tão difundida no punk para propagar suas próprias mensagens políticas e construírem uma coletividade, através do que chamaram de **grrrlzines**:

Os grrrlzines constituíram uma rede de comunicação entre jovens mulheres, visando a discussão sobre o significado da adolescência para as garotas na “modernidade tardia”, bem como sobre o lugar das mulheres nas sociedades industrializadas, iniciando um tipo de debate na esfera pública da qual as adolescentes estiveram excluídas. (HARRIS, 2003)

Imagens de shows do Bratmobile e Bikini Kill, bandas expoentes do movimento Riot Grrrl.
Fonte: Greg Neate/Charles Peterson

Os grrrlzines abordavam assuntos diversos como sexualidade, homofobia, racismo, violência sexual, corporalidade, ecologia e especismo de uma maneira informal e confessional, justapondo referências íntimas e pessoais às públicas e políticas (CAMARGO, 2011). Sua linguagem visual frequentemente fazia referência ao universo de suas editoras: desenhos e fotos de meninas tocando instrumentos ou realizando outras atividades lúdicas que enfatizam a autonomia e a solidariedade; imagens de mulheres andróginas e dykes² que subvertem a representação de feminilidade; símbolos de causas sociais; e figuras estilizadas de personagens de desenho animado e histórias em quadrinhos associados à infância e adolescência.

2. Gíria em inglês usada para se referir à uma mulher lésbica. Originou-se como uma ofensa homofóbica para mulheres "masculinas" até ser apropriada pelo movimento.



Fanzines Gunk, Jigsaw e Bikini Kill. À esquerda, parte de um acervo de grrrlzines. Fonte: Tumblr

Publicações independentes nacionais

Uma outra grande influência estética para este trabalho é a **cena brasileira atual de publicações independentes**, composta por ilustradores, quadrinistas, escritores e fanzineiros. As feiras independentes têm se multiplicado e ganhado mais força, atraindo atenção do mercado editorial, por mostrarem alternativas às formas de produção e planejamento de um livro ou revista tradicionais. Sobre esse fenômeno, Luiz Navarro, coorganizador da Feira Canastra e um dos editores da revista Zica, afirma:

O mercado editorial tradicional realmente está em crise, mas a produção independente é efervescente. Ela segue forte e cada vez mais rica e diversificada, com produções muito sofisticadas ou experimentações muito boas. [...] E estamos falando de produções em papel, produções impressas, que estavam teoricamente condenadas a desaparecer. Mas, pelo contrário, as pessoas tem um apreço muito especial ao que é feito com apuro gráfico e editorial [...] (NAVARRO, 2019)

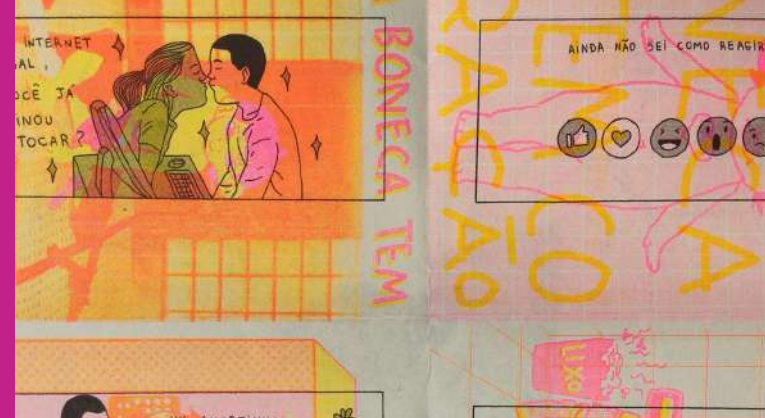
Edição de 2017 da Feira Plana, maior evento de publicações independentes de São Paulo, que recebeu cerca de 18 mil pessoas.
Fonte: Francisco Costa/Divulgação



Busquei o trabalho de artistas cuja preocupação com essa materialidade pudesse ser transposta para o digital. **Beatriz Perini** é designer gráfica de Goiânia e realiza vários trabalhos de divulgação e identidade de álbuns para bandas e músicos. Sua marca é uma mescla de colagens manuais e digitais, intervenções feitas à mão e tratamento de imagens que remete à experimentações impressas.



Fonte: behance.net/beatrizperini



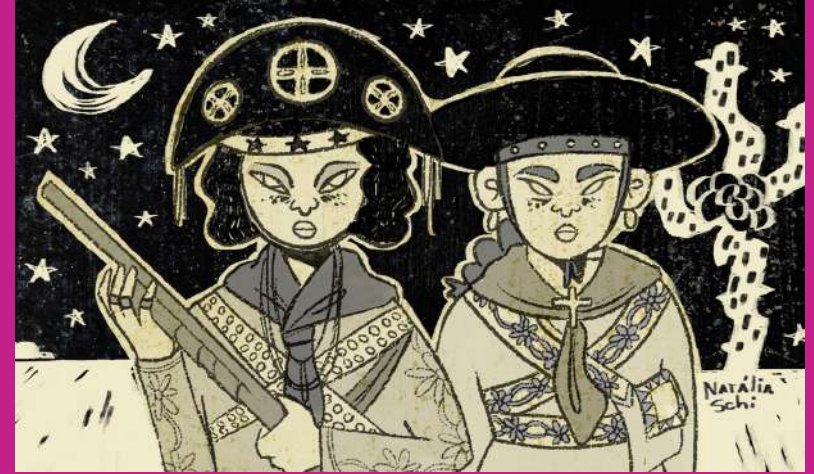
Fonte: selvapress.tumblr.com

A **Selva Press**, estúdio independente de Curitiba fundado por Marcelo Romero e Estelle Flores, também produz uma variedade de publicações características em risografia. A utilização de uma paleta limitada de cores que se sobrepõem, assim como o apreço por uma estética que não necessariamente obedece os moldes do design tradicional, foram uma grande influência para mim.

2.3 Referências de ilustração

Capitolina

Desde o início deste trabalho e mesmo antes de sequer definir sobre o que seria meu TCC, eu sabia que a ilustração seria uma parte essencial dele. Em 2015, comecei a colaborar com a revista online **Capitolina** ilustrando algumas matérias, o que me ajudou muito a exercitar as maneiras que um desenho pode complementar ou adicionar algo a mais a um texto. Essa experiência, junto com trabalhos de amigas também feitos para a revista, me influenciaram muito na hora de ter ideias para a reportagem.



Acima, ilustração autoral. À direita, trabalhos de Júlia França e Ana Maria Sena. Fonte: revista capitolina.com.br



Fonte: lovelove6.com



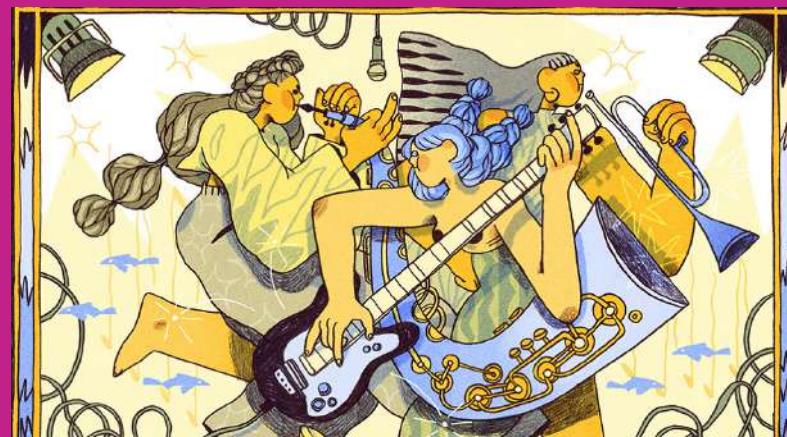
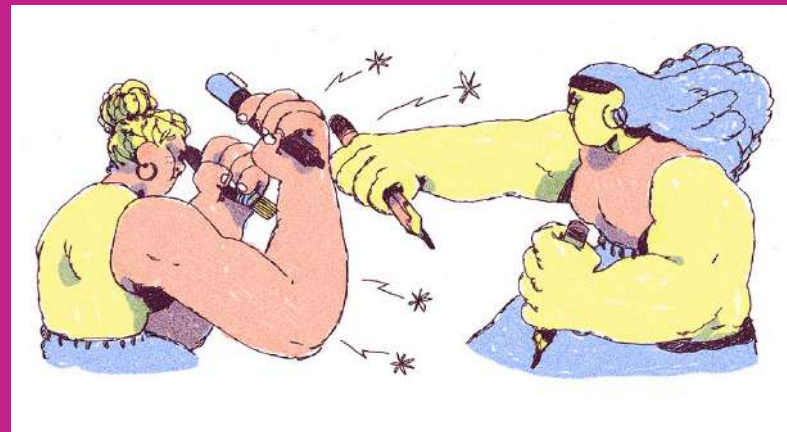
Lovelove6

Lovelove6 é uma quadrinista e zineira de Brasília, conhecida por seus quadrinhos ativistas que discutem temas como feminismo, masturbação, sexualidade, relacionamentos, e muito mais. Seu comprometimento em retratar a diversidade das mulheres e seu jeito de contar histórias sempre foram uma grande inspiração para mim.

Em suas palavras, um dos objetivos do seu trabalho é “desenvolver narrativas e criar imagens para provar um imaginário mais interessante em benefício das mulheres”.

Núria Tamarit

Núria Tamarit é uma ilustradora e quadrinista da Espanha. Descubri seu trabalho há pouco tempo e fiquei maravilhada com seu estilo característico, retratando personagens em silhuetas bem definidas, braços e pernas alongados e expressões cartunescas. Suas escolhas de composição ao retratar grupos de pessoas me influenciaram muito na hora de rascunhar as ilustrações, assim como sua técnica que mistura manual e digital.



Fonte: nuriatamarit.com

3. Processos



3.1 Início

O primeiro passo para a estruturação da reportagem foi delimitar exatamente qual seria o tema geral, qual recorte seria feito e o que buscávamos informar. A ideia de falar de mulheres na música e suas dificuldades pela questão de gênero parecia muito ampla, e sabíamos que histórias como essa já haviam sido contadas inúmeras vezes de inúmeras formas.

Optamos então por uma pesquisa mais aprofundada sobre as particularidades do cotidiano de uma artista independente: a gravação de um álbum, o agendamento de shows, as vendas de discos e merchandising, a utilização das plataformas de streaming e redes sociais, os gastos e a divisão de pagamentos, entre muitos outros fatores que permeiam a carreira de uma musicista, muito mais do que apenas tocar suas músicas. Sabíamos que, naturalmente, relatos sobre machismo e preconceito viriam, mas percebemos que não era preciso deliberadamente focar só nisso.

Foi escolhido falar da cena de São Paulo e região, principalmente pelas nossas próprias limitações geográficas. Começamos a ir atrás de documentários, dissertações e matérias jornalísticas que de alguma forma abordassem esse assunto, e descobrimos que apesar da grande quantidade de bandas, coletivos e iniciativas que se encaixam nesse recorte, são poucos os registros formais sobre isso.

Cena do documentário “Feito Por Elas – O Rock Feminino e Feminista da Cidade de São Paulo”, uma de nossas referências durante a pesquisa.





À esquerda, fotos autorais tiradas durante os shows do grupo Feminine Hi-Fi e da banda Sky Down, em São Paulo. Acima, pôster do Dyke Fest, um dos eventos que cobrimos para o trabalho.

Fomos atrás então de uma pesquisa em campo, de experienciar ao vivo o trabalho das artistas. Tive a oportunidade de ir com as meninas no festival Dyke Fest em São Paulo, que reuniu várias bandas e contava também com exposições de fanzines; fui também no Festival In-Edit³, que exibiu um documentário sobre as mulheres do **soundsystem** no Brasil seguido por uma apresentação do grupo Feminine Hi-Fi⁴; e pude acompanhar algumas entrevistas presenciais.

Essa foi uma das partes mais divertidas e proveitosas da elaboração da matéria. Mesmo se tratando de um trabalho mais jornalístico do que diretamente relacionado ao design, acredito que foi importante para mim para aprender mais sobre a metodologia de uma reportagem e reunir referências que serviriam mais tarde na hora de pensar nas ilustrações e na identidade visual.

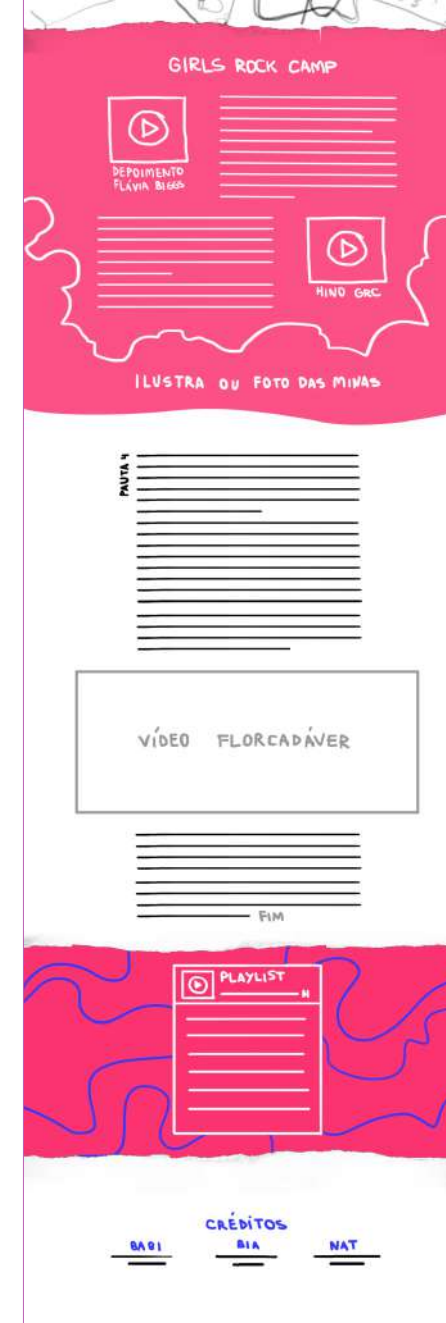
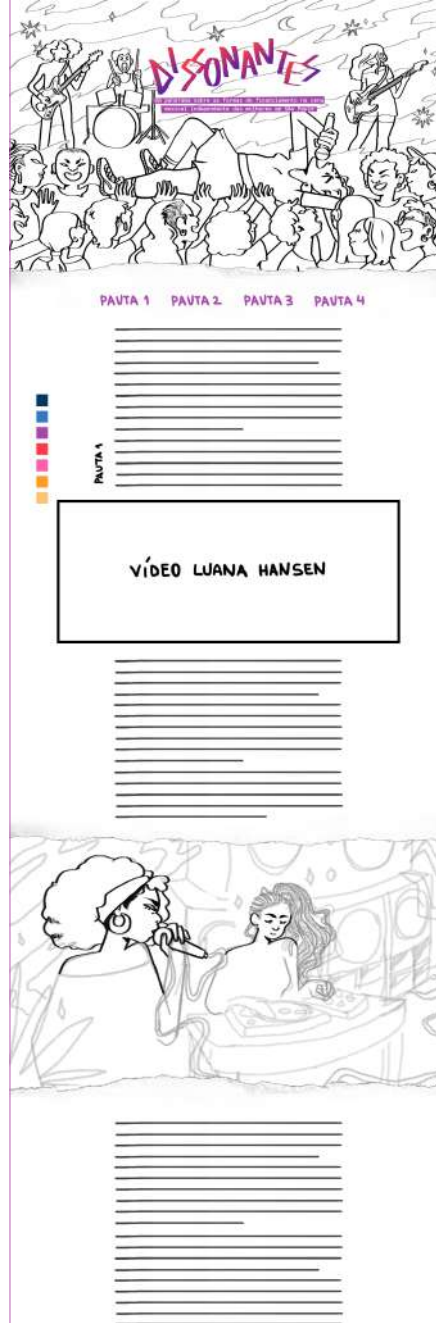
3. Festival de documentários musicais.
4. Coletivo feminino de discotecagem no estilo **soundsystem**.

3.2 Estruturação

Depois de reunir o embasamento teórico e iniciar a captação de entrevistas, começamos a estruturar o corpo da reportagem e como ela seria dividida, definindo que partes seriam em texto, vídeo, infografia e ilustração. Foi um trabalho em grupo demorado e que passou por diversas alterações até chegar em uma forma final, pensando-se a melhor forma de distribuir um conteúdo equilibrado que se complementasse.

Escolhemos seguir um estilo jornalístico e gráfico parecido com o da TAB UOL: uma grande reportagem vertical, focada na interatividade através da barra de rolagem. Analisei algumas reportagens com propostas similares, para ponderar a média de ilustrações, infográficos e vídeos que são utilizados intercalados ao texto.

Rascunhos iniciais do site.



Por fim, a reportagem ficou dividida em quatro pautas: **Autonomia**, **(In)Visibilidade**, **Faça-Você-Mesma** e **Apoia Mútua**, que funcionam tanto em conjunto e como na forma de histórias que podem ser lidas separadamente. A explicação mais aprofundada sobre cada uma dessas pautas e suas fontes entrevistadas está no relatório da Bárbara e da Beatriz. Por aqui, trago um resumo do que se trata cada texto para contextualização.

AUTONOMIA

O texto de abertura busca definir **o que é uma artista independente e seus principais desafios**, utilizando como fio condutor a história de **Luana Hansen**, rapper e produtora que encontrou na música sua principal forma de sustento.

Optamos por gravar uma **vídeo-entrevista** de Luana em sua casa, mostrando um pouco de sua realidade e trajetória. A ideia é de que o vídeo traga uma aproximação do leitor com a personagem, complementando o texto.

A pauta conta também com dois infográficos que expandem seu tema. **“Quero ser artista independente! Como faço?”** é um infográfico ilustrado que quebra em etapas o processo de produção de um álbum; **“Relatos de machismo”** é uma colagem de depoimentos interativos em formato de foto, texto e áudio, explicitando as dificuldades de ser mulher na música, do rap ao punk rock.

(IN)VISIBILIDADE

A segunda pauta busca elencar as **principais formas de financiamento disponíveis atualmente para artistas independentes** no mercado, os hábitos de consumo do público e possíveis mudanças que ocorreram no investimento cultural com a entrada do novo governo. Foram entrevistadas em torno de 15 bandas e artistas de diversos gêneros musicais.

O infográfico ilustrado **“De onde vem o dinheiro”** explica didaticamente as principais fontes de renda das artistas. Logo depois, vem o vídeo **“O som delas”**, uma seleção de gravações feitas por nós de shows de algumas das bandas entrevistadas, que tivemos a chance de assistir presencialmente. A pauta se encerra com um infográfico em forma de linha do tempo chamado **“Onde estão as mulheres na história?”**, que compilou uma parcela das contribuições femininas na música.

FAÇA-VOCÊ-MESMA

A terceira pauta traz as **principais iniciativas de inserção de mulheres no mercado fonográfico** atualmente. Foram entrevistados desde projetos maiores, com maior visibilidade na mídia e pertencentes a empresas consolidadas, até coletivos menores, autogestionados e de caráter underground, buscando entender seu funcionamento e impacto social.

Foi feita uma **colagem**, seguindo a identidade visual do site, que reúne fotos das iniciativas, coletivos, bandas e artistas entrevistadas. O infográfico ilustrado **“Gravadoras vs. Selos / Underground vs. Mainstream”** explica a diferença de termos bastante utilizados ao longo do texto. Utilizamos também um **relato em áudio** de Mariângela Carvalho, contando de maneira lúdica como surgiu seu festival Distúrbio Feminino.

APOIA MÚTUA

A quarta pauta encerra a matéria com mais uma história, sobre a banda Florcadáver, que surgiu em 2019 através das iniciativas previamente citadas na reportagem e, com a ajuda de um financiamento coletivo, realizaram uma turnê com o intuito de chegar até um acampamento feminino de música na Argentina. A história da formação, custeio e motivações da banda representa na prática tudo que foi abordado ao longo do texto.

A pauta conta com dois vídeos: um promocional do **Girls Rock Camp Brasil**, uma das iniciativas citadas no texto; e um com **depoimentos das integrantes da banda Florcadáver** a respeito de como foi a experiência de turnê. Por último, deixamos uma **playlist colaborativa** no Spotify com músicas de cada uma das artistas e bandas entrevistadas, aberta às leitoras e leitores para adicionarem mais músicas.

É importante explicitar também que todas as pautas são intercaladas por **ilustrações animadas**, cujo processo de criação é explicado mais a frente.

O conteúdo multimídia em sua totalidade, portanto, consiste em 4 vídeos, 5 infográficos, 5 gravações em áudio, 3 ilustrações animadas, 1 fotocoloragem e 1 playlist de música.

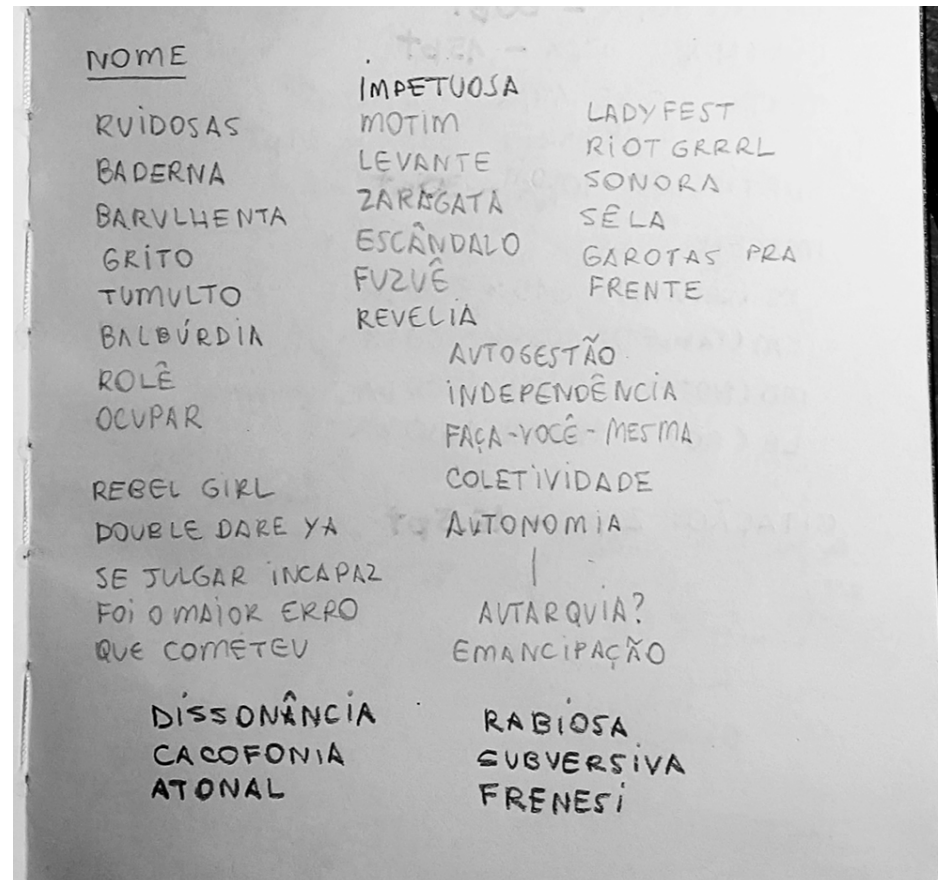
4. Projeto Gráfico

4.1 Título

Ao pensar em um nome para a reportagem, queria que fosse algo curto, de preferência apenas uma palavra. Porém, deveria-se levar em consideração que, apesar de se unirem pela questão de gênero, cada mulher tem problemas e vivências complexos e diferentes, tornando difícil escolher apenas um adjetivo que definisse todas.

Muitos dos nomes que pensamos também já existiam em outros projetos de temática parecida, como Ruídosas e Sonora - palavras relacionadas à música usadas no feminino.

Foi quando chegamos à ideia de Dissonantes. Dissonância, por definição, é um som desarmonioso e incômodo. Pensamos em reapropriar essa palavra para definir um movimento de várias sonoridades e experiências, que quebra a harmonia de convenções sociais e expectativas da indústria musical.



Brainstorming de possíveis nomes. Alguns dos nomes que não entraram como título serviram de inspiração para o nome das pautas do texto.

DISONANTES
Disonantes
DISONANTES

Definido um título, comecei a fazer alguns rascunhos, primeiro à mão e depois no digital. Queria algo que remetesse a um canetão pincel e tivesse um aspecto texturizado e manual, e que a tipografia fosse irregular.

Depois de algumas versões, cheguei a um resultado que me satisfaz, com organicidade porém ainda legível. A versão colorida possui sombreados nos tons de azul e rosa, simulando uma impressão em risografia.

DISONANTES

Versões

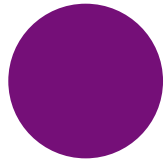
DISONANTES

DISONANTES

DISONANTES

DISONANTES

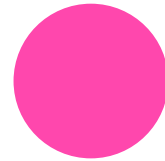
Principais



R 117 G 15 B 120
750f78



R 198 G 33 B 138
c6218a



R 255 G 71 B 173
ff47ad

Auxiliares



R 59 G 10 B 69
3b0a45



R 161 G 33 B 163
a121a3



R 250 G 89 B 217
fa59d9



R 250 G 191 B 222
fabfde



R 196 G 23 B 69
c41745



R 245 G 28 B 74
f51c4a



R 255 G 89 B 89
ff5959

4.2 Cores

Minha intenção foi utilizar cores quentes, fortes e que estivessem cromaticamente próximas. Escolhi cores associadas à feminilidade e ao movimento feminista, buscando ressignificá-las no contexto do trabalho. A técnica de impressão em risografia também foi inspiração para definir a paleta.

As cores principais foram utilizadas para o fundo do site ou para os títulos. As cores auxiliares foram utilizadas em elementos secundários como links, citações e textos dos infográficos. E todas as cores foram combinadas e sobrepostas de diversas maneiras para as ilustrações.

4.3 Tipografia

Para as fontes, queria algo que remetesse aos tipos mono-espaçados das máquinas de escrever, muito utilizado nos primeiros fanzines. Inicialmente, pensei em aplicar esse estilo para todo o corpo do texto da reportagem, mas percebeu-se que a leitura era comprometida e se tornava rapidamente cansativa.

Escolhi então a **Roboto** para o texto, por ser uma fonte neutra, de fácil legibilidade e com uma variedade de pesos.

A fonte **Compagnon** em seus dois estilos diferentes é usada nos títulos das pautas e dos infográficos, assim como em alguns textos menores, como as citações. A **Roboto Mono** também foi utilizada para complementar alguns detalhes, como os entretítulos e os créditos.

Todas as fontes são gratuitas e *open source*. Foram baixadas em: [fonts.google.com](https://www.google.com) e [velvetyne.fr](https://www.velvetyne.fr)

Roboto

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890 !?\${}&* / () [] { } ; : . , ^ ` ~ - _ + - " ' "

Compagnon Roman

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890 !?\${}&* / () []
{ } ; : . , ^ ` ~ - _ + - " ' "

Roboto Mono

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890 !?\${}&* / () []
{ } ; : . , ^ ` ~ - _ + - " ' "

Roboto Bold

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890 !?\${}&* / () [] { } ; : . , ^ ` ~ - _ + - " ' "

Compagnon Medium

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890 !?\${}&* / () []
() ; : . , ^ ` ~ - _ + - " ' "

Roboto Mono Bold

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890 !?\${}&* / () []
{ } ; : . , ^ ` ~ - _ + - " ' "

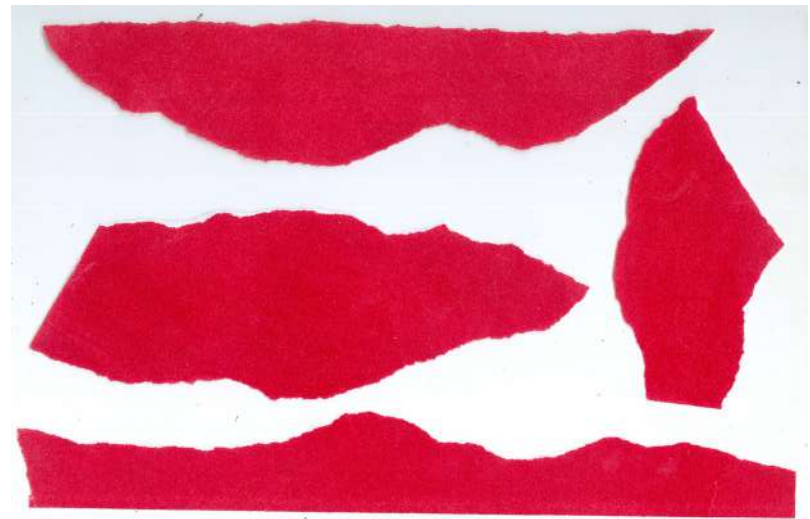
4.4 Identidade e grafismos

Toda a estética foi pensada para que tivesse um apelo material de fanzines, colagens, escritos à mão, rabiscos e desenhos transpostos para o digital, dialogando com a temática da reportagem e da ideia do faça-você-mesmo que permeia o universo da música independente.

Para a transição entre ilustrações e infográficos, além de recursos para o **background** de algumas partes, foram utilizados pedaços de papéis de materiais variados e pôsteres que eu tinha. Primeiro, rasguei eles, escaneei, e depois no Photoshop fiz um tratamento de contraste e cor para que se adequassem à paleta do site.

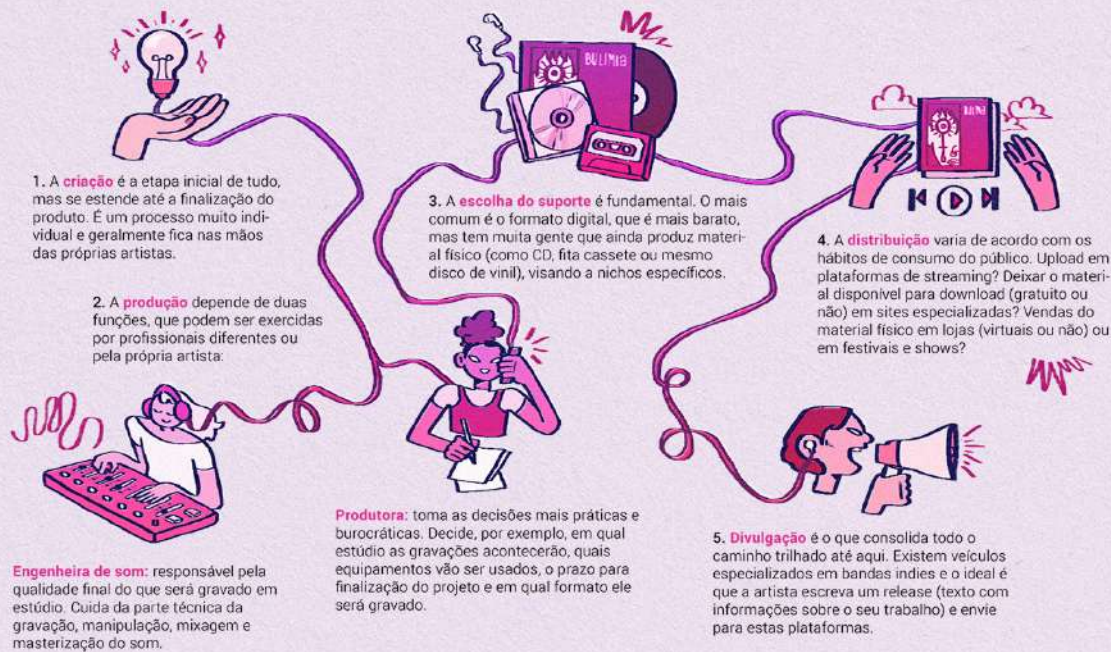


Alguns dos papéis escaneados, antes de serem tratados.



QUERO SER ARTISTA INDEPENDENTE! COMO FAÇO?

Etapas da cadeia produtiva da música.



Exemplo de colagem de rasgos, após serem tratados, utilizada em um dos infográficos. A textura de papel também foi aplicada no background.



Outros exemplos de colagem, usados como fundo de partes em vídeo e infografia.

Foram criados também grafismos e texturas que acompanham de forma sutil o texto, enfatizando em sua cor e estilo quando há uma mudança de pauta. Eles são visíveis na versão de **desktop** do site.

A reportagem também conta com uma tipografia à mão, similar à utilizada no título, para escrever os nomes das entrevistadas, sempre que houver uma citação destacada.

Esses desenhos e escritos foram feitos no Photoshop com brushes que imitam pincel marcador, tinta e manchas.



- MaRiANne CrESTANI
- AFROfaYA e MinA Mim

4.5 Ilustrações

Foram feitas três ilustrações coloridas e animadas para abrir a matéria e intercalar as pautas. Meu objetivo foi retratar o universo musical das mulheres com elementos fantasiosos, como se elas estivessem, de fato, em um microcosmo próprio. Cada desenho remete à um gênero musical.

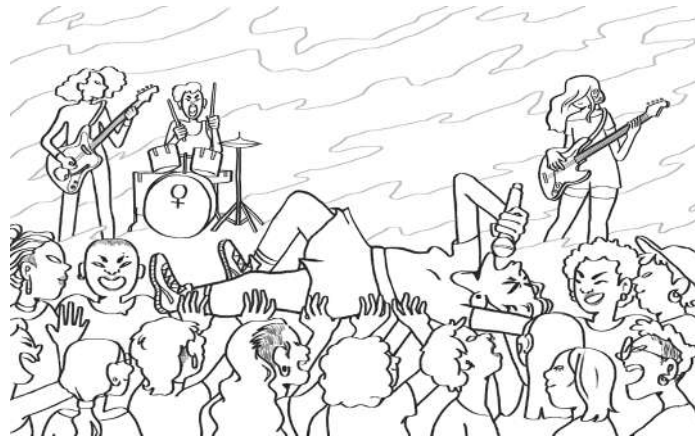
Punk e Riot Grrrl

A ilustração de abertura é uma homenagem às mulheres do movimento Riot Grrrl, assim como aquelas que abriram caminhos no rock e seus subgêneros de uma forma geral. Achei importante retratar não só as mulheres da banda, mas também as fãs e ouvintes, que são parte essencial para que tudo isso exista.

Pensei em retratar uma cantora sendo erguida pela plateia, em uma representação de confiança e apoio mútuo.



Inspirações da primeira ilustração. Fonte: Yanna Medeiros/União das Mulheres do Underground/Bikini Kill/Dyke Fest/Luís Martins/L7



Para o processo de criação, primeiramente foi feito um rascunho rápido pra ter ideias de composição. Depois, fiz o **line-art**, definido melhor as características de cada personagem.

Uma ideia inicial que tive foi a de simular uma impressão em risografia. Por isso, pintei primeiro o desenho em uma escala de cinza, depois joguei degradês de cores da paleta do site e as sobrepus em camadas para chegar ao efeito desejado. A camada de cores ficou levemente deslocada, imitando falhas comuns desse tipo de impressão. Por último, adicionei sombreamentos e ruídos para texturizar o desenho.

Apesar de não ter certeza se consegui simular efetivamente uma impressão em riso, gostei da versão finalizada e de trabalhar primeiro com a questão do contraste da ilustração e, depois, as cores.



Soundsystem

A segunda ilustração foi especialmente inspirada nas festas de **soundsystem** (sistema de som) e nas mulheres **MCs** que entrevistamos. A estrutura desses eventos conta geralmente com caixas de som, discotecagem, e **freestyle**.



Fonte: Feminine Hi-Fi/Luana Hansen/Divulgação





Eletrônica

A terceira e última ilustração foi inspirada pelas festas **underground** de música eletrônica, distintas pelas apresentações performáticas e forte presença do público LGBTQ+.



Fonte: Mamba Negra/Baile em Chernobyl
Badsista/Divulgação



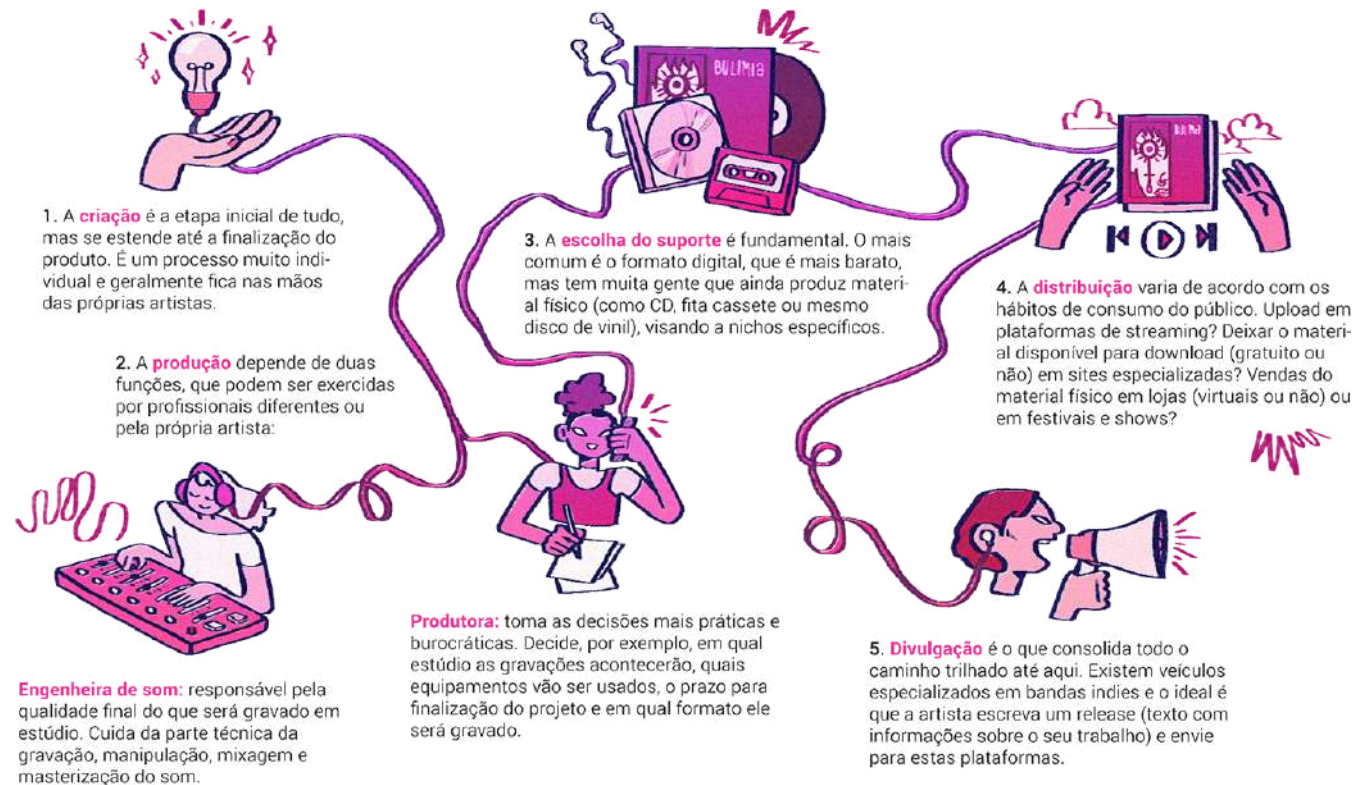
QUERO SER ARTISTA INDEPENDENTE! COMO FAÇO?

Etapas da cadeia produtiva da música

4.6 Infográficos

Quero ser artista independente! Como faço?

Fiz uma série de pequenas ilustrações que representam figurativamente cada etapa do processo de criação e lançamento de um álbum. O fio que une todas elas serve também como guia para orientar a leitura. As cores dialogam com a identidade da matéria.



Tem muito cara que acha que não tem preconceito, mas quando vai falar quais mulheres na música eles mais gostam, eles titubeiam e repetem as mesmas, as mais conhecidas... Não vão além. E quando rolam aquelas listas no Facebook de melhores guitarristas, bandas, shows etc, eles lembram muito mais dos homens. Então até que ponto eles estão mesmo ouvindo as bandas formadas por mulheres?



- Patricia Saltara

(In Venus e Weedra)

- Afrofaya e Mina Mim

(Ouro D' Mine)



É interessante que nós, as pessoas LGBTQ e as mulheres, estamos sempre pensando sobre as opressões, e batemos de frente quando elas rolam. Não vejo os caras pensarem mais profundamente sobre isso, o que é uma pena. Porque existe, sim, uma diferença de tratamento. As pessoas são machistas, os homens são machistas.



- Marianne Crestani

(Mercenárias, Weedra e Bloody Mary Uma Chica Band)



- Carla Boregas

(Rakta)

O mais difícil de ser mulher e estar inserida no meio musical é ter que provar a sua capacidade tempo todo, e muitas vezes até precisar dizer que você faz igual ou melhor do que um homem.

- Natália Matos

(Punho de Mahin)



Relatos de machismo

Este infográfico conta com depoimentos em texto e áudio que foram captados ao longo das entrevistas. Optei por fazer uma colagem de fotos e intervenções manuais.

No site, existe uma interatividade com a rolagem: conforme a leitora desce para ler a reportagem, cada um dos relatos vão aparecendo. O background também tem um efeito *parallax* sutil.

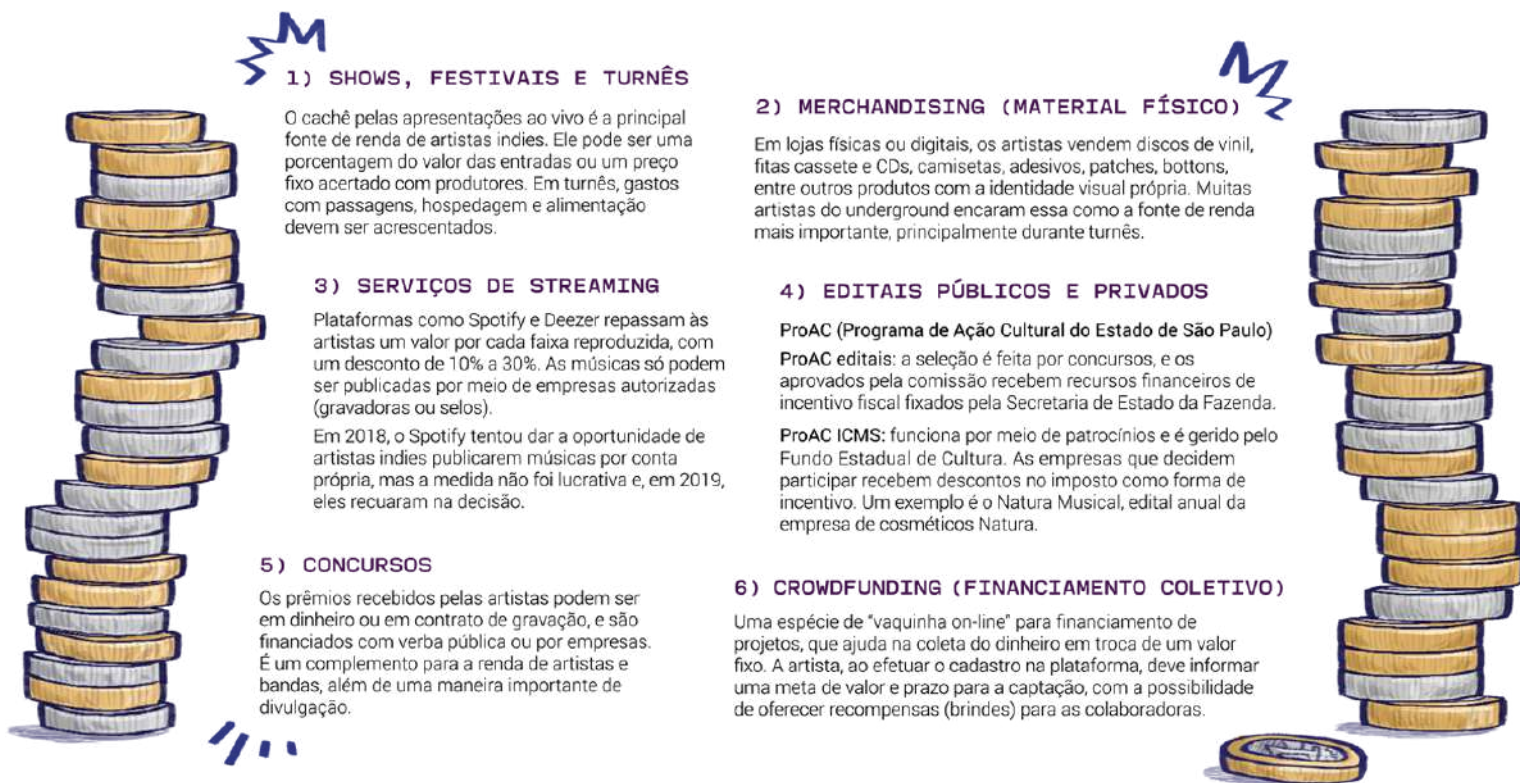
Uma parte do infográfico, que pode ser visto em funcionamento na íntegra no site.

De onde vem o dinheiro

Este infográfico já estava particularmente denso em informação textual, por isso optei por fazer algo simples. O desenho de moedinhas empilhadas emoldura o texto e representa os desafios de pagamentos e economias de uma artista independente.

DE ONDE VEM O DINHEIRO

Principais formas de financiamento disponíveis atualmente



Onde estão as mulheres na história?

Linha do tempo inspirada na proposta feita pelo TAB UOL na reportagem “Ninguém solta a mão”. Gostaria de ter programado ela de forma interativa com a rolagem, como o infográfico do “Relatos de Machismo”, mas por dificuldades técnicas, não consegui.

No site, é possível ver também, junto com a linha do tempo, um background de colagem de fanzines antigas, com efeito *parallax*.

ONDE ESTÃO AS MULHERES NA HISTÓRIA?

Feita a partir de uma rápida pesquisa no Google, esta linha do tempo é mais que uma tentativa de resgate histórico. É a evidência e o esboço de registro de mulheres na indústria do áudio ao longo dos anos:

1960-1970

Sônia Abreu inicia a carreira como produtora musical da rádio Excelsior/Globo de São Paulo. Na década seguinte, ela se torna a primeira DJ mulher brasileira ao tocar na noite paulistana e cria a rádio móvel “Ondas Tropicais”, um ônibus com sistema de som que permite levar sua música a diferentes espaços urbanos.



Reprodução

Reprodução



1982

Na cidade de São Paulo, Sandra Coutinho (baixo), Rosália (vocal) e Ana Machado (guitarra) formam a banda de pós-punk Mercenárias. Em 1986, elas lançam o álbum debut, “Cadê As Armas?”. Dois anos depois, fecham contrato com a major EMI para lançar o segundo álbum “Trashland”, eleito “álbum do ano” pela Revista Bizz.

1986

Surge o primeiro grupo de rap formado apenas por mulheres, o Rap Girls. Dele, sai a MC Sharylaine, que resolve investir na carreira solo e lança singles de sucesso, como “Nossos Dias” (1990) e “Saudade” (1992).



Reprodução

Reprodução



1989

Começa a carreira de Dina Di, considerada a primeira mulher a alcançar sucesso no rap brasileiro. Foi indicada a diversos prêmios e festivais, com destaque ao Prêmio Hutúz, na categoria Melhores Grupos ou Artistas Solo Feminino da década. Lançou vários álbuns em parceria com o grupo Visão de Rua.

1997

A primeira banda de cena riot grrrl brasileira, Dominatrix, de São Paulo, lança seu primeiro álbum, o “Girl Gathering”. O disco esgota das prateleiras nove meses depois de chegar às lojas. A banda continua na ativa até os dias atuais.



Reprodução

Reprodução



1999

A rapper Nega Gizza se torna a primeira locutora de uma rádio de rap, no programa Hip Hop Brasil, da Imprensa FM. Em 2001, ela vence o Prêmio Hutúz - o mais importante prêmio de rap da América Latina - na categoria de “melhor demo de rap”.



GRAVADORAS VS. SELOS

A **gravadora** pode ser uma grande empresa, (a **major**), ou um pequeno negócio (a **indie**) que auxilia a artista em diferentes etapas da cadeia produtiva, pois oferece estrutura para a produção, ajuda a selecionar os meios de distribuição e/ou facilita a divulgação. A extensão desse suporte vai depender do contrato assinado entre artista e gravadora.

Um **selo** é um catálogo de bandas que estão relacionadas de alguma forma, seja por se situarem na mesma localização geográfica, seja por explorarem o mesmo gênero musical etc. Os primeiros selos surgiram como divisões de grandes gravadoras, mas hoje podem constituir empresas independentes.



UNDERGROUND VS. MAINSTREAM

Os conceitos de **underground** e **mainstream** não necessariamente se relacionam com o termo independente. Ser **indie** é não estar atrelado a uma **major**, enquanto **underground** e **mainstream** têm mais a ver com o tamanho do público: quem faz parte do mercado pequeno ou médio integra o primeiro grupo, enquanto quem está no mercado grande faz parte do segundo.

Um exemplo prático: Gal Costa é artista independente, mas ao mesmo tempo faz parte do **mainstream**.

Gravadoras, selos, underground e mainstream

O propósito deste infográfico era explicar as diferenças entre termos muito utilizados na indústria musical e por consequência também ao longo da reportagem. Busquei traduzir visualmente estas explicações.

4.7 Colagem

Conforme a matéria começava a ganhar corpo e se concretizar visualmente, percebemos que haviam poucas fotos. O site, porém, já continha bastante conteúdo, e incluir uma quantidade adicional de imagens parecia inviável. Decidi então fazer apenas uma grande colagem, no estilo das *grrrlzines*, com fotos diversas das artistas, bandas e coletivos que contribuíram para a reportagem.

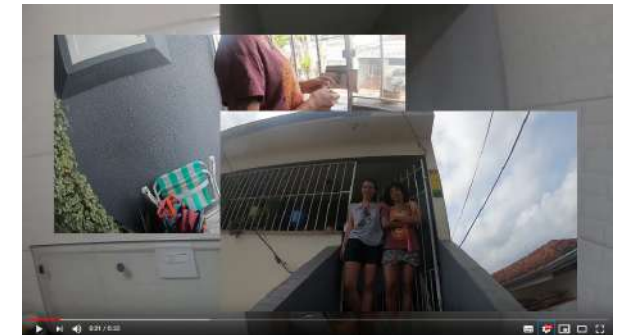
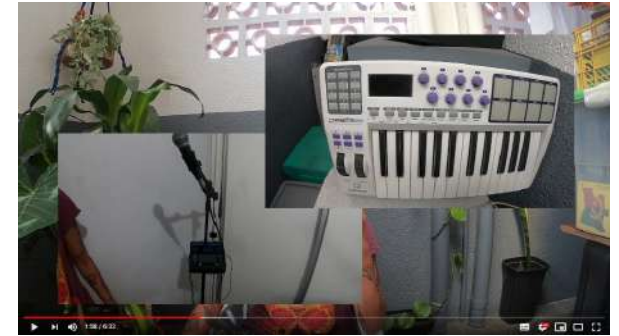


4.8 Vídeos

Gravação e edição de vídeos são áreas que me interessam muito e que tive algum contato através de estágios.

Pensei em dar alguma caracterização para os vídeos que também dialogasse com a identidade do site. Por isso, utilizei efeitos de *glitch*, sobreposições de vídeos, e recursos sonoros como chiado de televisão. Esses efeitos lembram a materialidade de uma TV antiga, da mesma forma que a matéria toda foi pensada para lembrar um fanzine ou revista.

Ambos os vídeos foram editados no Adobe Premiere.



Trechos dos vídeos “LUANA HANSEN: autonomia e ancestralidade” e “O SOM DELAS”.

5. Finalização

5.1 Programação

A etapa de colocar o site no ar era uma incógnita para mim. Apesar de ter uma noção básica de programação, sabia que não era suficiente para criar do zero um site cheio de detalhes e recursos interativos.

Pesquisei plataformas online e programas de criação de site, e testei alguns como Webflow, Readymag e Adobe XD, o que foi muito útil para aprender um pouco mais sobre prototipação e HTML5.

Porém, ao final, optei pelo Wix, por possuir uma interface mais intuitiva, maior liberdade criativa e permitir criação para **desktop e mobile**. Sua desvantagem é que a versão gratuita tem recursos limitados, por isso decidimos fazer uma assinatura de um ano da versão **premium**, além de também nos proporcionar uma hospedagem própria.

5.2 Site

O site foi criado no dia 23 de outubro, e passou por várias alterações e revisões até chegar em sua versão finalizada.

Tivemos um pequeno contratempo em relação à interface do Wix. Como o site foi todo elaborado em um **notebook**, seu melhor funcionamento é em telas dessa proporção. Percebemos que em telas maiores - como a de um computador - alguns elementos, como as ilustrações ou os papéis rasgados, tendem a ser cortados.

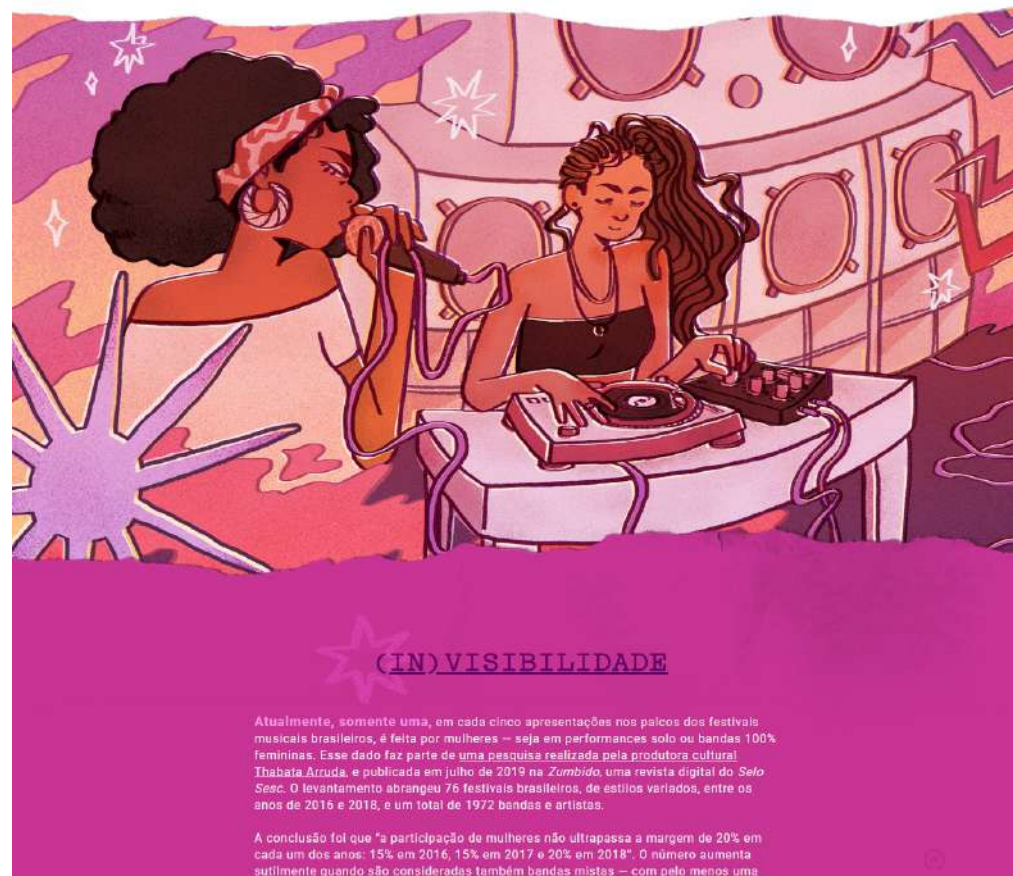
Por isso, se você estiver acessando o site em alguma tela maior e isso acontecer, recomendo que você dê **zoom** com o navegador (**ctrl + "+"**) em torno de 150%. Mas, independente disso, a experiência do site não deve mudar drasticamente.

O endereço é este:

<https://www.dissonantes.com/>

Nas próximas páginas mostro algumas capturas de tela do site e de sua versão para celular.

Versão desktop



São Paulo e palco da primeira edição de dois festivais icônicos para o riot grrrl brasileiro: o LadyFest Brasil e o Hard Girls. Dois eventos organizados exclusivamente por e para mulheres em casas de shows tradicionais de cena underground paulistana, para promover a cultura jovem feminista.

2010

O Big de Janeiro e sede do 1º Encontro do Fórum Estadual Mulheres no Hip Hop, com a presença de mulheres ativas no Hip Hop em todo o Brasil. No Forum é criada a Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop, hoje presente em 17 estados.

2010

Surge a Sound Sisters, primeira equipe sound system do Brasil formada por mulheres, Luciana (Tito) e Indiolepe Omin (P2). Com Sistema de Som próprio, elas promovem eventos pelo interior de São Paulo com discotecagem 100% Reggae.

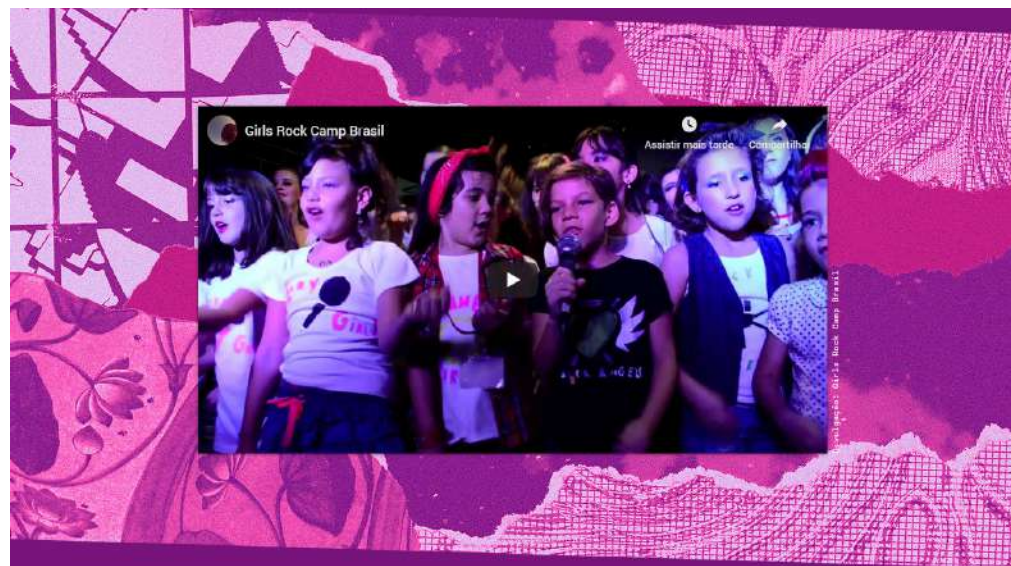
2018

Malika é a primeira musicista trans a se apresentar na tradicional Sala São Paulo. A convite da Orquestra Sinfônica da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, ela integra o corpo de orquestra do aniversário de 50 anos da instituição.

FAÇA-VOCE-MESMA

"Mulheres, conversando com mulheres e trabalhando com mulheres, é um ato de resistência", avalia a baterista da Ema Stoned, Theodora Charbel. "Quando a gente produz coisas entre nós, é uma bandeira gigantesca contra todo o processo de apagamento e rebaixamento das nossas criações e profissões." Quando elas se reúnem para organizar eventos e outros projetos de incentivo, portanto, não é só uma questão de ampliar sua visibilidade. Sempre está presente o objetivo de reafirmar e valorizar a presença feminina em todas as etapas da cadeia da música.

O [Women's Music Event \(WME\)](#) é uma dessas iniciativas. Fundado em 2017 pela jornalista Claudia Asséf e pela *manager* de artistas Monique Dardenne, o WME é uma plataforma digital com notícias e um banco de dados com o cadastro de profissionais.

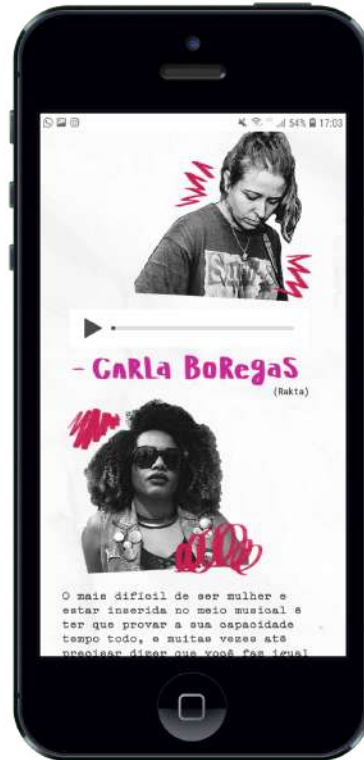


O esforço é recompensado por toda a rede de apoio que se forma entre as participantes, não só no Brasil. Essa estrutura é importantíssima para a viabilização de projetos como o turnê do Florcadáver e a própria realização dos acampamentos. Como os eventos reúnem meninas de todos os lugares do mundo, questões como hospedagem e acolhimento podem ser resolvidas no puro espírito de camaradagem e colaboração.

Para a viagem da banda, por exemplo, a hospedagem havia sido oferecida por argentinas e brasileiras que participaram dos Camês de Sorocaba, Curitiba e Porto Alegre. As brasileiras se propuseram também a ajudar na agenda de shows e até mesmo tocar com a banda.

Amanda conta que, a princípio, as amigas queriam apenas participar do Chicas Amplificadas. Foi de Célia a ideia de fazer a turnê até lá. "Ela falou: 'já que a gente vai pra Argentina, vamos fazer um power trio, que a gente vai descendo, vai tocando e tal', e foi isso", lembra. "A gente fez a banda justamente pra ser um adendo da viagem e fazer uma grana". Como Célia é guitarrista e Amanda é baixista, elas buscaram uma terceira integrante, baterista, que tivesse flexibilidade no emprego e pudesse ficar ausente do trabalho durante a turnê. Theodora tocou a empurrada.

Versão mobile



6. Conclusão

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No começo do ano, estava assombrada por essa ideia de fazer um trabalho de conclusão de curso grandioso, que representasse tudo o que aprendi ao longo desses cinco anos, que conseguisse mostrar todo meu potencial, e que resolvesse todos os problemas do mundo. Hoje entendo que não é bem assim que as coisas funcionam. Acredito que tamanha pressão pessoal para fazer algo excelente foi um empecilho para que eu simplesmente fizesse o que queria fazer, e olhasse com uma compreensão humana para os meus resultados. Ao longo da realização deste trabalho, pude me desapegar um pouco desse ideal inalcançável e entender como meu processo criativo realmente funciona e como lido com meus erros.

Outro fator que me tirou da zona de conforto foi trabalhar em grupo, algo que até então nunca havia considerado fazer em um TCC. Eu conhecia a Bárbara e a Beatriz como amigas, não como parceiras de trabalho, e tinha meus receios de como seria esse processo. Porém agora percebo que foi justamente essa combinação de perspectivas, ideias e discordâncias que enriqueceu nosso projeto. Percebi, também, que para alguém como eu que tem certa dificuldade em acreditar no que faz, trabalhar ao lado de pessoas que te entendem e apoiam é um constante exercício de autoconfiança.

Foi muito proveitoso ter tido a oportunidade de aprender um pouco mais sobre uma diversidade de assuntos, como ciberjornalismo, design interativo, infografia, edição de vídeo, entre muitos outros. Sinto que entrego este trabalho um pouco mais preparada em minhas habilidades e ainda mais interessada nas interdisciplinaridades possíveis no Design.

Toda a pesquisa e as entrevistas com mulheres tão incríveis e diversas serviram de muita inspiração. Tive uma reafirmação de que uma das maiores contribuições que posso fazer, enquanto designer e artista, é colaborar criando narrativas e visualidades que agreguem e enalteçam mobilizações como estas.

Não posso dizer que estou plenamente satisfeita com meus resultados, acho que há muito o que melhorar. Se estivesse com mais tempo e mais bem planejada, gostaria de ter explorado mais as potencialidades do meio multimídia e tornado a reportagem mais interativa e acessível, mas dentro das minhas limitações foi isto que pude fazer. Me incomoda também a existência deste trabalho apenas no digital; tenho vontade de trazer pelo menos uma parte de tudo que reunimos para um meio físico, talvez um fanzine, que possa ser distribuído em eventos e shows como os que frequentamos. É estimulante pensar que este projeto pode ter uma continuidade, assumir outras formas, se expandir.

Por fim, me sinto grata por todas as experiências que tive ao longo desses cinco anos em Bauru, e por ter vivido isso ao lado de pessoas tão queridas. Ainda existem muitas dúvidas acerca do futuro e do que estou buscando, mas encerro este ciclo um pouco mais confiante em meus processos e caminhos.

BIBLIOGRAFIA

BACCIN, Alciane. **A narrativa longform em reportagens hipermídia**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 14 no. 1 p. 89-101, 2017.

CAMARGO, Michelle Alcântara. **“Manifeste-se, faça um zine”: uma etnografia sobre “zines de papel” feministas produzidos por minas do rock**. Cadernos Pagu, no. 36, 2011.

CANAVILHAS, J. **A reportagem paralaxe como marca de diferenciação da Web**. In: REY, P. R.; PISONERO, C. G. (Orgs.). *Contenidos innovadores en la Universidad Actual*. Madrid: McGraw-Hill Education, 2014.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

DO CARMO, Íris Nery. **O rolê feminista: Autonomia, horizontalidade e produção de sujeito no campo feminista contemporâneo**. 2018.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HARRIS, Anita. **gURL scenes and grrrlzines: the regulation and resistance of girl in late modernity**. *Feminist Review*, no. 75, Palgrave, 2003.

ITO, Liliâne de Lucena; VENTURA, Mauro de Souza. **A reportagem multimídia interativa: inovação, produção e monetização**. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 12 no. 3 p.140-159, 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora ALEPH, 2009.

MIRANDA, Juliana Aparecida dos Santos. **Mulheres e seus modos de produção: Uma alternativa aos modelos patriarcais/capitalistas**. Anais Seminários Interlinhas 2016.2 - Fábrica de Letras. 2016.

PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. **A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos**. 2018.

POYNOR, Rick. **Abaixo as regras: design gráfico e pós-modernismo**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SALAVERRÍA, Ramón. **Multimedialidade: Informar para cinco sentidos**. In: CANAVILHAS, João. (org.) *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom. 2014. p. 25 - 51. Disponível em: <<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/livro/121>> Acesso em: 12 set. 2019.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

CARAMANICA, Jon; CARYN, Ganz; COSCARELLI, Joe; PARELES, Jon. **Women Are Making The Best Rock Music Today**. *The New York Times*. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2017/09/05/arts/music/25-women-making-best-rock-music-today.html>> Acesso em: 23 ago. 2019.

DIAS, Tiago; NAÍSA, Letícia. **Ninguém Solta a Mão**. TAB UOL. 2019. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/edicao/lgbt>> Acesso em: 23. ago. 2019.

EIRAS, Natália. **Luto Invisível**. TAB UOL. 2017. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/aborto/>> Acesso em: 23. ago. 2019.

POWELL, Mike. **Natural Selection**. Pitchfork. 2016. Disponível em: <<https://pitchfork.com/features/cover-story/reader/natural-selection>> Acesso em: 23 ago. 2019.

SABADINI, Tatiana. **Gabriela Masson, a Lovelove6**. HuffPost Brasil. 2018. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/12/gabriela-masson-a-lovelove6-a-cartunista-que-retrata-a-sexualidade-feminina_a_23500794/> Acesso em: 10 nov. 2019.

VITRAL, Ramon. **Papo com Luiz Navarro, coorganizador da Feira Canastra**. Vitralizado. 2019. Disponível em: <<https://vitralizado.com/hq/papo-com-luiz-navarro-coorganizador-da-feira-canastra-o-mercado-editorial-tradicional-realmente-esta-em-crise-mas-a-producao-independente-e-efervescente/>> Acesso em: 10 nov. 2019.

